



# REVISTA GUERREROS OUTDOOR

## BETINHO DA MONTANHA

DE UM SIMPLES PASSEIO À  
SOBREVIVÊNCIA EXTREMA

E AINDA...

- O INSTINTO ANTES DA FERRAMENTA
- MEU CANTO NA MONTANHA: NOITE BARROCA (PARTE I)



- A riqueza na arte de fazer o próprio equipamento
- Energia alternativa na preparação
- Aprender e produzir com as próprias mãos - A essência do bushcraft
- O segredo enterrado no Morro do Vintém
- Cobertura da terceira edição do BushDay Brasil
- A faca Bowie - Sua história e popularidade no Brasil
- O alto valor agregado: Lâminas, multi-tools e lanternas

*Revista Guerreiros Outdoor: Difundindo as culturas pelo olhar de quem as pratica.*

# SUMÁRIO

## MANUAL DO SOBREVIVENTE

03 - A RIQUEZA NA ARTE DE FAZER O PRÓPRIO EQUIPAMENTO

## INFOALFA

06 - O INSTINTO ANTES DA FERRAMENTA

## CAFÉ COM CONVERSA

08 - ENTREVISTA COM BETINHO - DE UM SIMPLES PASSEIO À SOBREVIVÊNCIA EXTREMA

## MUNDO PREPPER

12 - ENERGIA ALTERNATIVA NA PREPARAÇÃO

## DIÁRIO BUSHCRAFT

14 - APRENDER E PRODUZIR COM AS PRÓPRIAS MÃOS - A ESSÊNCIA DO BUSHCRAFT

## CAUSOS DO MATO

16 - O SEGREDO ENTERRADO NO MORRO DO VINTÉM

## EM VOLTA DA FOGUEIRA

20 - MEU CANTO NA MONTANHA: NOITE BARROCA (PARTE I)

## BUSHDAY BRASIL - TERCEIRA EDIÇÃO

24 - COBERTURA DA TERCEIRA EDIÇÃO DO BUSHDAY BRASIL

## MUNDOS

28 - A FACA BOWIE - SUA HISTÓRIA E POPULARIDADE NO BRASIL

## POR DENTRO DO EDC

30 - O ALTO VALOR AGREGADO: LÂMINAS, MULTI-TOOLS E LANTERNAS

## NOTA DA EDIÇÃO

### VELHA GUERRA E NOVA COLUNA

Muito se fala, nos últimos meses, sobre a possibilidade de um novo grande conflito, talvez a nível global. A palavra "guerra" voltou a circular com frequência, alimentando discussões, previsões e, em muitos casos, ansiedade. Dentro do nosso meio, isso também reverbera e exige de nós maturidade para separar informação de especulação.

O sobrevivencialismo nunca foi sobre viver à sombra do medo, mas sobre desenvolver preparo consciente diante de cenários possíveis. O bushcraft, por sua vez, nos ensina a lidar com o ambiente, com os recursos e, principalmente, com nós mesmos. Criando uma mente adaptável ao ambiente em nosso entorno, por mais desafiador que seja. Se há algo que esses caminhos nos mostram, é que equilíbrio sempre será mais valioso que atarde.

Não cabe a nós prever o futuro, mas sim nos posicionar com responsabilidade no presente. O verdadeiro preparo não nasce do pânico coletivo, mas da construção diária de habilidades, conhecimento, autonomia e clareza. Em tempos de incerteza, é isso que nos mantém firmes.

É também com esse espírito que iniciamos, neste ano, uma nova coluna na revista. Escrita por Giuliano Toniolo, ela trará crônicas que serão apresentadas ao longo das três edições que compõem o ano, oferecendo reflexões que dialogam com a vivência, a natureza e o próprio caminho de quem escolhe esse estilo de vida.

Seguimos, assim, fortalecendo não apenas o conhecimento, mas a consciência do que realmente importa. Preparar-se, no fim, continua sendo sobre viver melhor, não sobre temer o que pode vir.

Curta essa edição feita com muito carinho!

## QUEM FAZ A GUERREIROS OUTDOOR?

DIRETOR GERAL	NEY FAGUNDES
DIRETOR DE REDAÇÃO	ANGELO DOS SANTOS
DIRETOR EDITORIAL E MARKETING	DANIEL DELUCCA
DESIGN	DANIEL DELUCCA
COLUNISTAS	NEY FAGUNDES ANGELO DOS SANTOS DANIEL DELUCCA GIULIANO TONIOLO
REVISÃO	ANGELO DOS SANTOS ANA MARTA TOLEDO PIZA
FOTOGRAFIA/CAPA	ROBERTO FARIA TOMÁZ
COLABORADORES	KELSEN COELHO ROBERTO FARIA TOMÁZ LUIZ ERICSON

*Nota: algumas imagens desta edição foram produzidas por IA, adquiridas em bancos de imagens pagos e/ou cedidas por colaboradores.*

## Deseja falar com a Guerreiros Outdoor?

### Para anunciar

(21) 98120-2220

### Na internet

[guerreirosoutdoor.com.br/contato](http://guerreirosoutdoor.com.br/contato)

### Apoios e parcerias

(21) 99877-7997

### Edições anteriores

[guerreirosoutdoor@gmail.com](mailto:guerreirosoutdoor@gmail.com)

O pedido será atendido pelo preço da edição atual, desde que haja disponibilidade de estoque.

### CNPJ

43.001.985/0001-82

## Apoios e Parcerias

### Grupo Guerreiros Bushcraft

[guerreirosbushcraft.com.br](http://guerreirosbushcraft.com.br)

### Loja Javalis Outdoor

[javalisoutdoor.com.br](http://javalisoutdoor.com.br)

## Editora

### Doisde

[doisde.com.br](http://doisde.com.br)

### DISPONÍVEL EM PDF

Faça a leitura do QRCode com o seu smartphone para fazer o download da revista no formato PDF, ou visite o nosso site.



*A Revista Guerreiros Outdoor é uma produção coletiva, fruto da união pelos esforços para disseminação das culturas do Bushcraft, Atividades Mateiras, Sobrevivencialista, Preparação e afins.*

## Onde a Guerreiros Outdoor está?

### SITE GUERREIROS OUTDOOR

[guerreirosoutdoor.com.br](http://guerreirosoutdoor.com.br)

### INSTAGRAM

[@guerreirosoutdoor](https://www.instagram.com/guerreirosoutdoor)

### FACEBOOK

[@guerreirosoutdoor](https://www.facebook.com/guerreirosoutdoor)



# MANUAL DO SOBREVIVENTE

## A RIQUEZA NA ARTE DE FAZER O PRÓPRIO EQUIPAMENTO

Por Giuliano Toniolo



Escritor, professor e instrutor de sobrevivência e bushcraft, produz conteúdos para diversas plataformas, sendo um dos principais responsáveis pela divulgação do bushcraft no Brasil, desde 2008, através de seu canal no YouTube e escola mateira Mestre do Mato.

Manual do Sobrevivente traz dicas importantes para aqueles que estudam a arte da sobrevivência, valorizando a importância do conhecimento frente às adversidades que estão por vir, sempre com o olhar voltado à prática e a realidade.

Vivemos em uma era de abundância quase absoluta. Nunca foi tão fácil adquirir qualquer tipo de item, ferramentas, roupas, utensílios, equipamentos especializados; tudo disponível a poucos cliques ou a uma rápida ida ao comércio. Essa facilidade, embora confortável, cria uma dependência silenciosa do mercado. Aos poucos, deixamos de produzir, adaptar ou consertar, porque é mais simples substituir. E, sem perceber, transferimos nossa autonomia para prateleiras, transportadoras e sistemas de distribuição que funcionam bem... até o dia em que deixam de funcionar. E é aqui que entra a habilidade e capacidade de criar itens artesanais.

Há algo profundamente satisfatório em produzir o próprio equipamento. Não se trata apenas de economizar dinheiro ou improvisar por necessidade. Trata-se de ampliar capacidades, transformar dependência em habilidade e descobrir que as mãos são capazes de muito mais do que imaginávamos.

Essas habilidades se estendem a muitas áreas: identificar plantas comestíveis e medicinais, produzir chás e pomadas simples, improvisar meios de iluminação como velas e lamparinas, conservar e armazenar alimentos de longa duração. Cada competência adquirida amplia nossa capacidade de prover para nós mesmos e, eventualmente, para outros.

Não é preciso ser mestre em tudo. Penso no praticante como um pato: Ele anda, nada e voa. Mas não é o mais rápido, nem o que vai mais alto ou mais fundo. Mas transita por ambientes diferentes. E essa versatilidade amplia suas chances de adaptação.



SIGA GIULIANO TONIOLO NAS REDES

MESTREDOMATO.COM.BR

GIULIANO TONIOLO

@GIULIANOTONIOLO

@GIULIANO.TONIOLO.9



Quando alguém aprende a costurar, ainda que apenas três pontos básicos, um novo horizonte se abre. Consertar uma calça rasgada, reforçar a alça de uma mochila, adaptar bolsos, produzir um borsal simples ou até uma peça inteira de vestuário deixa de ser um problema e passa a ser uma possibilidade. A autonomia começa nos pequenos reparos e cresce com o tempo.



Da mesma forma, uma lâmina antiga de facão pode ganhar nova vida. Com uma esmerilhadeira e disco de corte, é possível reaproveitar partes íntegras e transformá-las em facas menores ou ferramentas compactas. Desde que não se superaqueça o metal durante o corte, o tratamento térmico original pode ser preservado. Não é necessário grande conhecimento de metalurgia para produzir algo eficiente. É preciso atenção, prática e bom senso.

O mesmo vale para lâminas simples de pedra lascada. Não é preciso dominar técnicas avançadas para produzir um gume funcional. Uma pedra adequada e alguns golpes bem direcionados já criam uma borda que, com maior ou menor eficiência, corta. E cortar, em muitos contextos, é o suficiente. A natureza exige funcionalidade e não acabamento refinado.

Produzir o próprio equipamento não significa rejeitar o que é industrializado. Não é sinônimo de precariedade. Trata-se de independência progressiva. Quando a aquisição monetária não está disponível, quem sabe produzir não fica paralisado. Cria. Ajusta. Resolve. Essa capacidade torna-se moeda de troca, que no fundo se trata de um capital invisível que cresce com o tempo.

Em se tratando de cenários de disfunção e disrupturas sociais de médio e longo prazo, esse tipo de conhecimento deixa de ser apenas interessante e passa a ser estratégico. Quando cadeias de suprimento falham, quando serviços se tornam escassos ou inacessíveis, habilidades práticas ganham valor real. Saber consertar roupas, produzir utensílios simples, improvisar iluminação, conservar alimentos ou fabricar ferramentas funcionais pode significar conforto, segurança e dignidade.

Mais do que isso: pode significar troca. Em contextos onde o dinheiro perde força ou circulação, o que permanece é a utilidade. Quem sabe fazer passa a ter algo concreto a oferecer. E isso gera respeito, reciprocidade e possibilidades.



No fim, produzir o próprio equipamento não nos torna apenas mais preparados. Isso nos torna mais valiosos. Cada habilidade aprendida é uma camada de independência. E independência, em tempos estáveis ou instáveis, sempre será uma forma de riqueza.

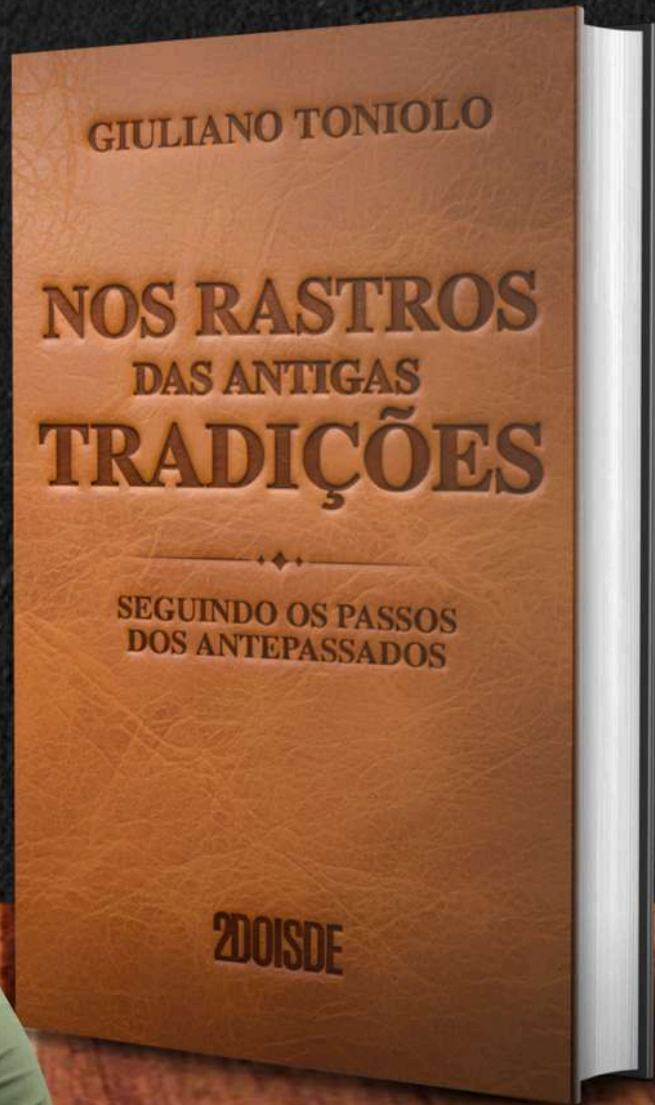
# O livro que resgata o olhar ancestral do **Bushcraft no Brasil**

UMA JORNADA PELAS PRÁTICAS, VALORES E ENSINAMENTOS  
QUE MOLDARAM O **ESPÍRITO MATEIRO**.

Este livro é um mergulho nas  
**antigas tradições**, combinando  
reflexões, técnicas e vivências reais  
**registradas em campo**.



ADQUIRA AQUI O SEU LIVRO



Escrito por  
**Giuliano Toniolo**, referência nacional  
no estudo e prática do **bushcraft**.

## GIULIANO TONIOLO

UMA DAS VOZES MAIS RESPEITADAS DO  
**BUSHCRAFT BRASILEIRO**

**2DOISDE**

# INFOALFA

INFORMAÇÕES E CURIOSIDADES

## O INSTINTO ANTES DA FERRAMENTA

Por Daniel DeLuca



Daniel DeLuca apresenta o canal Infoalfa, pertence ao grupo Guerreiros Bushcraft há 6 anos, do qual faz parte da administração, liderando grandes projetos no meio, além de ser empreendedor, design gráfico e fundador da Doisde Soluções Digitais.

Infoalfa tem como intenção trazer informações e curiosidades dos mais diferentes assuntos, abordados de um jeito prático e de fácil entendimento.

Quando se fala em sobrevivencialismo, é comum a conversa ir rapidamente para equipamentos. Qual faca usar, qual mochila aguenta mais peso, qual lanterna tem mais lúmens, qual tecido isola melhor. Eu entendo esse impulso (já fui assim). Ferramentas são concretas, palpáveis, passam a sensação de controle imediato. Mas a prática, o campo e a observação ao longo do tempo deixam claro algo que não aparece em listas de equipamentos, e sim em situações reais. E nessas situações, quem decide não é a ferramenta, é a mente.

Já vi pessoas extremamente bem equipadas travarem diante de situações simples porque não sabiam o que fazer primeiro. Também já vi soluções eficientes surgirem de cenários limitados, justamente porque havia alguém com clareza mental. O Sobrevivencialismo começa antes do equipamento tocar na mão, ele começa no raciocínio, na leitura do ambiente e na capacidade de manter a cabeça funcionando sob pressão.

Instinto não é impulso cego nem improvisado desordenado. Instinto treinado é resultado de exposição, repetição e análise. É reconhecer padrões, antecipar consequências e entender que agir rápido nem sempre significa agir certo. Em muitos contextos, a melhor decisão não é se mover, mas observar, reduzir o ritmo e reorganizar prioridades. Esse tipo de instinto não nasce do nada. Ele é construído.



SIGA DANIEL DELUCCA NAS REDES

SOBREVIVENCIALISMOALFA.COM.BR

INFOALFA S.A.

@EUDANIELDELUCCA

@EUDANIELDELUCCA



## QUANDO O CENÁRIO APERTA, A MENTE ASSUME O COMANDO

Imagine uma situação simples, mas extremamente comum: uma trilha planejada para poucas horas, clima aparentemente estável, equipamento básico. No meio do percurso, o tempo fecha de repente de forma abrupta. Temperatura cai, o vento aumenta, a umidade sobe e a visibilidade começa a piorar. Nada extremo, mas o suficiente para gerar desconforto e tensão.

Quem não tem preparo mental entra em modo de urgência. Acelera o passo, gasta energia desnecessária, ignora sinais do corpo e toma decisões apressadas. A mente passa a buscar uma saída rápida, não uma solução segura. Esse comportamento é instintivo, mas não treinado.



A mente preparada reage de outra forma. Ela reconhece o cenário, aceita a mudança e reorganiza prioridades. Avalia abrigo antes de distância, proteção térmica antes de velocidade, segurança antes de ego. Essa decisão acontece antes de qualquer ferramenta ser usada. A ferramenta apenas executa o que a mente já decidiu com clareza.

Em situações de estresse como esse, o corpo entra em estado de alerta. A respiração muda, o campo de visão se estreita e o raciocínio tende a simplificar demais as escolhas. Sem preparo mental, esse estado vira pânico ou paralisia. Com preparo, vira foco. A diferença não está no equipamento carregado, mas na familiaridade com o desconforto e na capacidade de pensar mesmo quando o corpo pede pressa.

Treinar a mente significa se expor de forma consciente. Sentir frio, cansaço, fome leve, testar limites e até mesmo errar em ambiente controlado. Cada experiência dessas cria referências internas que são acessadas automaticamente quando o cenário aperta. Isso é instinto treinado.

## A FERRAMENTA SÓ FUNCIONA QUANDO A DECISÃO JÁ FOI TOMADA

Vejo com frequência pessoas acumulando equipamentos que nunca foram testados em condições reais. É uma preparação estética e sem base. Tudo parece pronto até o momento em que algo foge do *script*. Uma lanterna falha, uma rota não existe mais, o terreno muda, o tempo vira. Sem preparo mental, a reação é travar ou insistir em um plano que já não faz sentido.

A mente preparada trabalha com adaptação, redundância e economia de energia. Ela entende que ferramentas quebram, acabam ou se perdem. Por isso, a prioridade não é agir bonito, é decidir bem. Sobrevivencialismo não é sobre força ou heroísmo. É sobre gestão de recursos, e o principal recurso é cognitivo.

Uma das coisas que sempre falo aqui nesta coluna é da importância dos testes e simulações. Testar um equipamento ou estoque até o limite traz a clareza de sua eficiência e duração. Simular um plano de evasão ou uma rota de fuga, traz uma visão clara do que pode dar ou não errado e principalmente como agir em tais situações.

Quando digo que o instinto vem antes da ferramenta, não estou diminuindo o valor do equipamento. Estou colocando cada coisa no lugar correto. A ferramenta amplia a capacidade de quem já sabe o que fazer. Nas mãos erradas, vira peso. Na mente certa, até o básico resolve.

O preparo começa quando aceitamos que não controlamos o ambiente, apenas nossa resposta a ele. Treinar a mente é treinar leitura de risco, controle emocional e tomada de decisão consciente. Isso sustenta qualquer técnica.

O Sobrevivencialismo não é sobre carregar mais. É sobre pensar melhor, pois o que a mente decide, a ferramenta acompanha.

# CAFÉ COM CONVERSA

## ENTREVISTA COM BETINHO DE UM SIMPLES PASSEIO À SOBREVIVÊNCIA EXTREMA

Por Angelo dos Santos



Angelo dos Santos é advogado, praticante de atividades mateiras, um dos administradores do Grupo Guerreiros e ativista nato em prol do fomento da cultura de grupos de Bushcraft pelo Brasil.

Café com Conversa é um bate papo descontraído, algumas vezes provocativo, guiado pela curiosidade e pautado na troca de muita ideia munida de café.

No último dia de 2025, enquanto a maioria das pessoas se preparava para celebrar a virada do ano, uma decisão simples levou a uma experiência extrema. O que deveria ser apenas uma trilha no Pico Paraná, com objetivo de contemplação e treino em ambiente natural, acabou se transformando em uma situação real de sobrevivência.

Roberto Faria Tomáz, conhecido como Betinho, saiu para a montanha em seu único dia de folga, após uma rotina intensa de trabalho. Jovem, com formação técnica nas áreas de segurança, resgate e emergência, ele levava consigo conhecimento, mas não imaginava que precisaria aplicá-lo de forma tão direta e contínua. Um erro de rota durante a descida, somado ao desgaste físico após passar mal ainda na subida, foi suficiente para colocá-lo fora da trilha e dentro de um cenário onde cada decisão passou a ter peso real.

A partir daquele momento, a experiência deixou de ser uma atividade planejada e se tornou uma sequência de escolhas sob pressão. Sem alimento, com recursos limitados, enfrentando chuva constante, frio, terreno instável e risco de hipotermia, Betinho precisou lidar não apenas com o ambiente, mas principalmente com o próprio estado físico e mental. A cada dia, o desafio se tornava mais complexo, exigindo controle, leitura de cenário e capacidade de adaptação.

Nesta conversa, ele relata de forma direta e sem romantização o que viveu. Mais do que um relato de sobrevivência, é um registro de como conhecimento, calma e tomada de decisão podem definir o desfecho de uma situação extrema.

### UM DIA DE FOLGA

**Angelo** – Betinho, começa se apresentando e explicando o que você fazia antes disso tudo acontecer.

SIGA ANGELO DOS SANTOS NAS REDES

CAFÉ COM MATO

@CAFECOMMATO

@CAFECOMMATO



SIGA BETINHO NAS REDES

@BETINHODAMONTANHA



**Betinho** – Meu nome é Roberto, tenho 19 anos. Antes de me perder na montanha, eu atuava em quatro áreas. Eu trabalhava de domingo a domingo, sou formado como técnico de segurança do trabalho, bombeiro civil, socorrista, resgatista e também atuava como consultor de investimentos. Sempre trabalhei como PJ, então minha rotina era bem puxada. No único dia de folga que eu tive, resolvi fazer uma trilha... e foi nesse dia que tudo aconteceu.

**Angelo** – Quando você iniciou a trilha e qual era a sua intenção ali?

**Betinho** – Foi no dia 31 de dezembro de 2025. A ideia era conhecer o Pico Paraná, contemplar a paisagem, tomar banho de cachoeira e também fazer um treino em área remota. Eu já tinha uma certa experiência com montanha, então não era algo totalmente novo para mim, mas também não era um ambiente que eu dominava completamente.



Foto/Imagem: Acervo particular Roberto Faria Tomás

**Angelo** – E em que momento você percebe que a situação saiu do controle?

**Betinho** – Foi no dia 1º de janeiro. Eu tinha acabado de subir o cume, mas durante a subida passei mal por causa da alimentação. Me alimentei mais de iogurte e vomitei bastante, fiquei muito debilitado, sem energia. Na descida, acabei ficando para trás. Quem estava comigo seguiu o rumo sozinha com outro grupo mais adiantado.

Mais à frente cheguei em uma bifurcação onde a sinalização estava errada ou confusa. Eu segui pelo caminho achando que era o certo. Continuei andando até que escorreguei feio em um barranco e saí completamente da trilha. Foi aí que eu parei, olhei em volta e percebi que não reconhecia mais nada à minha volta. Nesse momento eu entendi que estava perdido de verdade.

## QUEDAS, LESÕES E A TOMADA DE DECISÃO

**Angelo** – E como foi esse momento logo depois de perceber que estava fora da trilha?

**Betinho** – Eu me machuquei bastante. Rasguei a roupa, tive vários cortes, virei o joelho algumas vezes. Minha patela saía do lugar e eu mesmo fazia a reposição, porque tenho conhecimento como socorrista. Fiz bandagens, usando as poucas que tinha e tentei controlar o que dava.

Mas uma coisa importante é que eu não entrei em desespero. Eu sabia que se eu entrasse em pânico ali, eu não ia sair. Então eu parei e pensei: o que eu posso fazer com o que eu tenho agora?

A primeira coisa foi me hidratar. Fui até o rio e bebi água. Depois tentei voltar para a trilha, mas não consegui. Escorregava muito, não tinha estabilidade. Cada tentativa era um risco maior.

Foi aí que eu tomei a decisão. Eu lembrava que durante a subida eu escutava barulho de água, de cachoeira. Então usei a lógica: se eu descer o vale, eu provavelmente vou chegar na base da montanha.

Assim eu o fiz. Passei a seguir o leito do vale. Não fiquei entrando no mato aleatoriamente. Fui descendo sempre com cautela e me baseando no rio.

**Angelo** – E o que você tinha de recursos naquele momento? Equipamentos médicos, de trilha, muda de roupa extra ou mais alimentos?

**Betinho** – Muito pouco. Eu tinha uma faca, duas lanternas, algumas bandagens e duas garrafas de água. Tinha comida só no primeiro dia, depois disso fiquei sem nada.

Minha meta era apenas pernoitar a noite do reveillon, e outras coisas estavam com outra pessoa. Então, não tinha troca de roupa, não tinha equipamento adequado. Era basicamente o que eu estava carregando.

## DIA E NOITE NA MATA

**Angelo** – E como foram os dias seguintes?

**Betinho** – No primeiro dia ainda tinha sol, então eu conseguia me orientar um pouco. Quando começou a escurecer, percebi pelos sons da natureza que estava ficando noite. Eu já tinha passado por penhasco, cachoeira, queda... então sabia que continuar andando à noite seria muito perigoso.

Eu decidi parar. Dormi em cima de uma pedra que ainda estava quente do sol. Eu estava muito cansado, e aquilo foi a melhor decisão naquele momento.

No segundo dia, a situação ficou mais difícil. A água tinha subido, as pedras estavam muito escorregadias. Eu precisava analisar cada passo. Eu subia em pedra, olhava o caminho, pensava, e só depois descia.

Mesmo assim, eu caía muito. Escorregava direto. Teve queda de dois metros ou mais. Eu virava o joelho, sentia dor, mas precisava continuar.

Teve um momento que eu precisei nadar com mochila e bota, porque a água estava funda. Isso pesa muito, dificulta bastante, mas meu conhecimento em resgate aquático ajudou a manter o controle. E continuei seguindo o meu planejamento, descer a montanha pelo vale do rio até chegar na civilização.

### FOME, CANSAÇO E CONTROLE MENTAL

**Angelo** – E quando a fome começou a afetar de verdade?

**Betinho** – Já no terceiro dia. A barriga roncava muito. Eu não tinha nada para comer. Eu tentava procurar alguma coisa, mas não encontrava nada. Na mata não tem nada comestível fácil de encontrar, sabe?

Eu bebia água para tentar aliviar. Às vezes o suor escorria na boca e eu ficava imaginando comida, lembrando de pratos que eu gostava. Pensava em comida o tempo todo.

Para manter o psicológico, eu comecei a cantar. Respirava fundo, caminhava devagar. Eu percebi que precisava ocupar a mente, porque se eu deixasse ela solta, eu ia entrar em desespero. Abalaria o meu psicológico. Era algo que me fazia bem.

Teve momentos em que eu parava e só observava. Pensava que talvez fosse a última vez que eu estivesse vendo aquilo. Isso me ajudava a manter o foco.

Um outro detalhe é que uma coisa que me guiou foi que sempre que havia mais de um caminho, em encruzilhadas eu seguia umas plantas que eram parecidas com as que minha mãe tinha. Não sei por que, mas sempre as encontrava e sentia que devia escolhê-las.

Eram tipo manacás-da-serra e o curioso é que aquela planta simboliza proteção, cura e encontro com o divino. Acho que funcionou!

### CHUVA, FRIO E LIMITE

**Angelo** – E como foi lidar com o clima nesses dias?

**Betinho** – Depois do primeiro dia, todos os outros tiveram chuva. Eu fiquei encharcado o tempo inteiro. Só vivia encharcado. Dormia molhado, acordava molhado, caminhava molhado.

E por isso o que mais me preocupava e meu maior medo era, a hipotermia. Eu pensava muito em não perder a mão, não perder o pé. Eu tentava me abrigar embaixo da árvore, mas sempre atento ao risco de cabeça d'água, porque eu estava no vale.

Cada dia que passava o corpo ficava cada vez mais cansado, mas o principal é a mente. Se a mente quebrar, acabou.

Tentei fazer fogo também, estilo *Hand drill*, por fricção. Também tentei utilizar a técnica antiga pedra com pedra e faca com pedra, mas minha faca também já não estava prestando muito. Não era muito boa. Até madeira com madeira, mas estava impossível, muita chuva e você olhava para cima e via aquele tempo trevoso de dar medo. Parecia que o tempo queria me levar.



Foto/Imagem: Foto fornecida por Roberto Faria Tomáz

## OS MOMENTOS MAIS CRÍTICOS

**Angelo** – Qual foi o momento mais crítico, que te trouxe medo e por pouco quebrou sou psicológico que até o momento estava sob controle?

**Betinho** – Teve um momento que eu escorreguei em uma cachoeira e fui levado pela correnteza. Bati a cabeça, perdi equipamento. Ali foi o momento mais próximo de morrer.

E teve outro momento em que eu precisei pular de uma cachoeira alta. Eu não tinha outra opção. Na minha cabeça era isso ou ficar ali. Então eu aceitei e fui.

No quarto dia eu já estava muito fraco. Sem comida, com dor, cansado. Eu andava o que dava e parava. E na última noite, dormi em uma caverna, mas acordei de madrugada com água batendo no rosto. A água subiu e eu tive que sair.

## A SAÍDA

**Angelo** – Como foi o momento em que você percebeu que ia sair?

**Betinho** – No último dia eu encontrei uma represa. Achei que ia ajudar, mas foi perigoso. A correnteza era muito forte e quase me levou ao tentar ultrapassá-la.

Depois consegui sair e encontrei uma trilha com estrutura. Aquilo me deu esperança.

Durante todos esses dias, eu ouvi apenas uma vez um helicóptero passar por mim.

Mas eu não sabia se era do resgate ou se era passeio. Ainda assim, foi logo no meu primeiro dia. Não sabiam se iam procurar por mim ou se continuariam procurando se estivessem, pelo tempo que fiquei perdido.

Continuei andando, e fui escutando sons diferentes dos últimos dias. Até por um instante ouvi cachorro e não perdi tempo: gritei bem alto quanto pude por socorro. Gritei bastante e fui encontrado.

Assim que fui encontrado, eles já sabiam da minha história e me acolheram. Eu pedi água e um telefone para que pudessem me emprestar.

Liguei para minha irmã e o resgate veio ao meu encontro. Dali fui para o hospital fazer exames e curativos das lesões e dores que sentia.

## O QUE FEZ A DIFERENÇA

**Angelo** – O que você acredita que realmente te salvou? Foi seu conhecimento prévio ou fato de você ser uma pessoa de jeito tranquilo?

**Betinho** – A calma. O psicológico. Eu não entrei em desespero.

Eu pensava sempre: o que eu posso fazer agora? Não pensava no todo, pensava no próximo passo.

Meu conhecimento ajudou, claro. Mas a principal ferramenta foi manter a cabeça no lugar e analisar cada situação.

## MENSAGEM FINAL AOS LEITORES

**Angelo** – Que mensagem você deixa para quem faz trilhas, travessias e também acompanham esse tipo de notícia?

**Betinho** – Sobrevivência não é teoria. É prática. Mesmo no caos, ainda existe oportunidade. Eu não me desesperei. Pensei sempre: o que posso fazer com o que eu tenho.

É sempre tomar cuidado com as pessoas! Eu aprendi uma grande lição de sempre tomar cuidado com as pessoas com quem tu andas, para os lugares onde tu vais também.

É a principal lição: se você se perder, fique parado, procure abrigo, se hidrate e se proteja. Isso teria evitado muita coisa que eu passei.

Acho que a maior experiência é aquela que se guarda com você, acima de tudo.



Foto/Imagem: Foto fornecida por Roberto Faria Tomáz

# MUNDO PREPPER

## ENERGIA ALTERNATIVA NA PREPARAÇÃO

Por Daniel DeLucca



Daniel DeLucca apresenta o canal Infoalfa, pertence ao grupo Guerreiros Bushcraft há 6 anos, do qual faz parte da administração, liderando grandes projetos no meio, além de ser empreendedor, design gráfico e fundador da Doisde Soluções Digitais.

Mundo Prepper conta com colunistas convidados para falar um pouco de suas especialidades e suas atividades no mundo da preparação e do sobrevivencialismo.

Na prática, basta retirar a energia de uma residência por 2 ou 3 dias, para entender como as pessoas realmente reagem em uma situação de sobrevivência. O conforto desaparece rápido. Sem conforto, vem a ansiedade e logo depois, o desespero. A grande massa não enlouquece pela falta de comida no primeiro momento, enlouquece pela perda do conforto, e nesse caso, a energia elétrica. É nesse ponto que a preparação deixa de ser teoria e passa a ser realidade.

Por isso, pensar energia fora do convencional não é exagero, é lucidez. A preparação energética não começa com equipamentos caros ou sistemas complexos. Ela começa ao entender que, sem energia, tudo desacelera, degrada ou até mesmo para.

### ENERGIA ELÉTRICA COMO BASE DA PREPARAÇÃO MODERNA

Hoje, qualquer preparação residencial gira em torno da energia elétrica. Freezers cheios, roteadores ligados, sistemas de iluminação, carregadores, filtros elétricos, bombas, portões e até alarmes. Sem energia, o preparo mal planejado se torna peso morto. É por isso que fontes alternativas precisam existir, mesmo que em pequena escala.

Placas solares residenciais já são uma realidade crescente e oferecem uma autonomia interessante, principalmente quando combinadas com bancos de baterias. Geradores também entram como soluções robustas, seja a gasolina, diesel ou gás. Cada um com seus prós e contras em ruído, consumo, manutenção e armazenamento de combustível. Ainda não utilizo esse tipo de sistema na minha preparação, mas reconheço que eles representam um salto significativo em autonomia para quem pode investir.

SIGA DANIEL DELUCCA NAS REDES

[SOBREVIVENCIALISMOALFA.COM.BR](http://SOBREVIVENCIALISMOALFA.COM.BR)

INFOALFA S.A.

@EUDANIELDELUCCA

@EUDANIELDELUCCA



No meu caso, trabalho com soluções mais enxutas, porém funcionais. Powerbanks, placas solares portáteis, pilhas de baterias e equipamentos com baterias recarregáveis formam minha base atual. Não sustentam uma casa inteira, mas mantêm o essencial vivo. Comunicação, iluminação, orientação e pequenos dispositivos continuam operando. Isso já coloca qualquer pessoa alguns passos à frente de quem depende exclusivamente da tomada na parede.



Mesmo limitados a dispositivos de 5 a 12 watts, esses sistemas oferecem vantagem real. Lanternas recarregáveis, rádios, celulares, GPS e até pequenos ventiladores ou bombas simples podem ser mantidos ativos. A chave está em entender o limite e trabalhar dentro dele.

### **REDUNDÂNCIA, IMPROVISO E GERAÇÃO ALTERNATIVA**

Energia alternativa eficiente não é sobre uma única solução, mas sobre redundância. Ter mais de um meio de geração ou armazenamento reduz falhas. Powerbanks exigem rotação, recarga e testes constantes. Placas solares portáteis precisam ser testadas e conhecidas na prática, não apenas no manual. Saber quanto tempo carregam e em quais condições, tudo isso faz parte da rotina e da preparação real.

Outro recurso muitas vezes ignorado é o próprio veículo. A tomada de 12 volts do carro, associada ao alternador, pode funcionar como uma fonte improvisada de energia. Não é definitiva, não é silenciosa e nem econômica, mas ajuda. Em situações específicas, carregar dispositivos essenciais pelo carro pode manter comunicação ativa por dias.

Existem ainda sistemas mais técnicos, como os usados em motorhomes, que convertem 12 volts em 110 volts por meio de inversores e bancos de baterias. Não é o foco de hoje se aprofundar nesses sistemas, mas mencioná-los é importante. Eles mostram que há caminhos intermediários entre o improvisado total e os sistemas residenciais completos.

No fim das contas, energia alternativa em situações de emergências não é sobre manter o conforto habitual, e sim sobre reduzir a vulnerabilidade em tais situações. Não é viver sem conforto, é não entrar em colapso quando ele falha. Quem entende a importância da energia elétrica na preparação deixa de vê-la como luxo e passa a tratá-la como recurso estratégico. Preparar energia é preparar a mente, o ambiente e a tomada de decisão quando o mundo aperta o botão de desligar.



# DIÁRIO BUSHCRAFT

## APRENDER E PRODUZIR COM AS PRÓPRIAS MÃOS - A ESSÊNCIA DO BUSHCRAFT

Por Giuliano Toniolo



Escritor, professor e instrutor de sobrevivência e bushcraft, produz conteúdos para diversas plataformas, sendo um dos principais responsáveis pela divulgação do bushcraft no Brasil, desde 2008, através de seu canal no YouTube e escola mateira Mestre do Mato.

Diário Bushcraft traz a jornada, a cultura e os desafios das pessoas que praticam Bushcraft em sua essência, apresentando um pouco de suas experiências em meio ao mundo natural.

Muito antes de existirem fábricas, lojas especializadas ou cadeias globais de suprimento, culturas inteiras se desenvolveram de forma autônoma, utilizando apenas os recursos disponíveis ao seu redor. Povos em desertos, florestas, tundras e montanhas produziram suas próprias roupas, ferramentas, recipientes, armas e abrigos. Não por romantismo, mas por necessidade. A produção artesanal não era um hobby. Isso era continuidade da vida.

Dentro do bushcraft, essa lógica ancestral ainda pulsa. Ray Mears define bushcraft como "o conhecimento e entendimento do mundo natural, que carregamos em nossos músculos". Há muita coisa implícita nessa frase. Conhecimento que não está apenas nos livros ou na teoria, mas incorporado. Entendimento que não é conceitual, mas prático. E, sobretudo, algo que se manifesta no corpo, nos gestos repetidos, na força calibrada, na memória muscular que sabe quanto pressionar, quanto cortar e quanto tensionar.

Quando produzimos um equipamento com recursos naturais ou adaptamos materiais simples para criar algo funcional, estamos literalmente treinando esse conhecimento muscular. Entalhar um cabo, costurar um bernal, improvisar uma lâmina simples, torcer fibras naturais para formar um cordame, tudo isso é treino silencioso.

E há camadas adicionais de vantagem nisso. A primeira é a mudança de percepção. A floresta deixa de ser paisagem e passa a ser oficina. Uma árvore não é apenas árvore: pode ser abrigo, cabo, combustível, estrutura, fibra. A paisagem se torna viva com muitas possibilidades. O praticante passa a ler o ambiente com outros olhos. E isso me remete à algo, dito por meu amigo saudoso, David McIntyre: "Cada mato fala sua própria língua. Precisamos entender o que eles dizem". Levei alguns anos para compreender a profundidade daquela frase.

SIGA GIULIANO TONIOLO NAS REDES

MESTREDOMATO.COM.BR

GIULIANO TONIOLO

@GIULIANOTONIOLO

@GIULIANO.TONIOLO.9



Outra camada é o vínculo com o próprio equipamento. Usar algo feito por você mesmo no mato gera uma conexão diferente. A faca que você moldou, cortou e criou, o saco que você costurou, o bastão que você entalhou, todos esses objetos carregam tempo investido, erro corrigido, tentativa repetida. Não são apenas objetos. São extensões da sua experiência.

Há também a confiança silenciosa. Não a confiança exagerada de quem se julga invencível, mas a tranquilidade de quem sabe que pode produzir, adaptar e improvisar. Essa segurança acompanha o praticante para além da mata.

Produzir artesanalmente dentro do bushcraft não significa rejeitar o moderno. O próprio Ray Mears, também, afirma que o bushcraft é uma mistura do antigo com o novo. Assim como nossos ancestrais usavam as melhores tecnologias disponíveis em seu tempo, nós também podemos fazê-lo. A diferença está em não depender exclusivamente delas. A habilidade permanece como base.



No fim, o prazer de usar algo feito por você mesmo no mato não é apenas funcional. É simbólico. É a sensação de que o conhecimento não está apenas na cabeça, mas incorporado. Está nos músculos. Está nas mãos. Está na maneira como você interage com o mundo natural.

E isso é, talvez, uma das formas mais puras de praticar bushcraft.



E penso que, talvez, exista ainda uma camada mais profunda: a continuidade cultural. Ao aprender a produzir com as próprias mãos, o praticante se conecta a uma linha invisível que atravessa gerações. Ele repete gestos que foram repetidos por milhares de anos. Não está apenas aprendendo uma técnica. Ele está participando de uma herança humana e se reconectando com as antigas tradições.

# causos do MATO

## O SEGREDO ENTERRADO NO MORRO DO VINTÉM

Por Ney Fagundes



Ney Fagundes é ex-militar, praticante de atividades mateiras, Presidente e um dos criadores do Grupo Guerreiros e luta pelo reconhecimento do Bushcraft em âmbito Nacional.

Causos do Mato tem como intenção de contar todo tipo de experiências e causos que aconteceram ou são contados nos acampamentos ou em atividades outdoor.

Puxe um banco, pegue um copo de café e se acomode para ler mais um causo.

Desta vez, um causo acontecido há 60 anos que ainda mexe com a imaginação do povo.

Como todos sabem, ainda existem muitos mistérios sem solução, e desta vez resolvi contar um acontecimento ocorrido aqui na minha cidade.

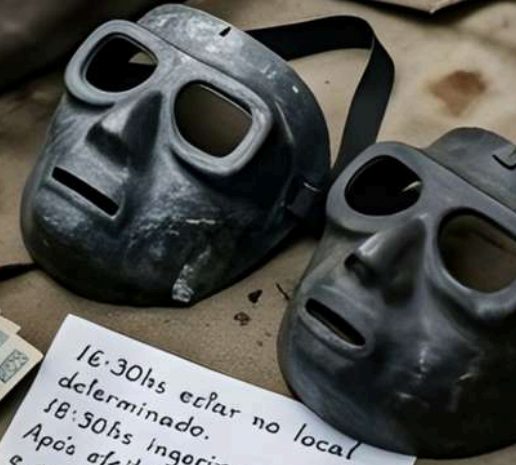
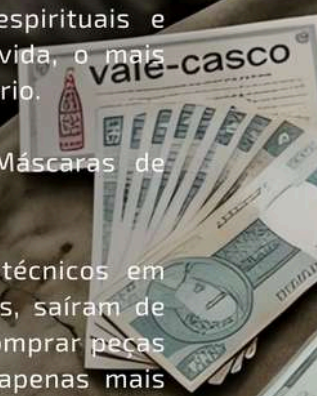
Niterói possui diversos enigmas ufológicos, espirituais e místicos, mas este que vou relatar é, sem dúvida, o mais intrigante e pesquisado de todos. Vamos ao mistério.

O episódio ficou conhecido como Caso das Máscaras de Chumbo, ocorrido em agosto de 1966.

No dia 17 daquele mês, Manoel e Francisco, técnicos em eletrônica da cidade de Campos dos Goytacazes, saíram de ônibus em direção a Niterói com o objetivo de comprar peças para consertar aparelhos em sua oficina. Era apenas mais uma viagem de rotina. Mas, ao chegarem à rodoviária de Niterói, as coisas começaram a tomar um rumo completamente diferente do planejado.

Próximo ao terminal, compraram duas capas de chuva. Alguns quarteirões adiante, pararam em um bar, onde adquiriram duas garrafas de água.

Detalhe curioso: na época, as garrafas eram de vidro, e pagava-se um valor pelo casco, devolvido quando retornava ao estabelecimento. Depois disso, seguiram até a loja Fluscop, especializada em componentes eletrônicos, onde permaneceram por pouco tempo.



16:30hs esclar no local determinado.  
18:50hs Ingerir cápsula.  
Após afeto protoger metal e aguardar sinal mascara



SIGA NEY FAGUNDES NAS REDES

@EUNEFAGUNDES

@EUNEFAGUNDES



No dia 18, um jovem que caçava passarinhos encontrou dois corpos no alto do Morro do Vintém. Assustado, saiu correndo e avisou algumas pessoas, mas ninguém deu importância; muitos temeram que pudesse se tratar de um homicídio cometido por bandidos. Somente três dias depois, outro rapaz, que soltava pipas na região, encontrou novamente os corpos e chamou a polícia.

Como já era fim de tarde, os agentes só subiram ao local na manhã seguinte. O que viram ali era uma cena perturbadora.

Manoel e Francisco estavam deitados lado a lado, voltados para o céu, como se observassem algo invisível. Após uma verificação inicial, foram encontrados em seus bolsos um vale-casco, dinheiro intacto e documentos. Ao lado dos corpos havia também um bilhete enigmático e duas máscaras de chumbo em formato semelhante ao de óculos de proteção.

No papel, lia-se: "16:30 estar no local determinado, 18:30 ingerir cápsulas, após efeito proteger metais, aguardar sinal máscaras."



Era o início de uma investigação que rapidamente mergulharia em território estranho.

Suspeitou-se, inicialmente, de envenenamento. Porém, apenas a autópsia poderia confirmar. E foi justamente aí que o caso começou a se complicar ainda mais.

Na mesma semana, havia ocorrido o assassinato de um policial, e toda a equipe do IML estava dedicada a essa ocorrência. Por falha na conservação, as vísceras de Manoel e Francisco acabaram se perdendo, impossibilitando exames toxicológicos conclusivos. Como se não bastasse, a intensa presença de jornalistas investigativos transformou a cidade em um verdadeiro palco de especulações.

Mas foi graças a esses repórteres que surgiram relatos intrigantes: algumas testemunhas afirmaram ter visto luzes no alto do morro na noite do ocorrido. Uma família que passava de carro pela região declarou ter observado um objeto luminoso, colorido e em formato de disco, pairando próximo ao Morro do Vintém.



O caso jamais foi solucionado, e as teorias continuam a intrigar pesquisadores até hoje.

A mais comentada afirma que os dois técnicos eram ligados ao espiritismo e realizavam experiências para tentar estabelecer contato com espíritos ou seres de outras dimensões. Essas pesquisas envolviam equipamentos eletrônicos, o que explicaria a viagem até Niterói para comprar peças. No mesmo bilhete encontrado com eles havia também fórmulas matemáticas, cálculos típicos da eletrônica.

Essas experiências seriam conhecidas como transcomunicação instrumental, método que consiste em sintonizar uma televisão fora de frequência e registrar, com uma câmera, a estática exibida na tela. Segundo os praticantes, essas gravações poderiam capturar imagens ou formas provenientes de outras dimensões. A técnica também poderia ser realizada com um rádio, caso em que os registros supostamente revelariam vozes.

Outra teoria, levantada pelo pesquisador Mário Dias e pelo detetive Saulo Soares após investigações independentes, sugere que os técnicos teriam ligação com uma seita espírita. De acordo com essa hipótese, as cápsulas mencionadas no bilhete teriam sido fornecidas por alguém desse grupo, e um erro na dosagem durante sua fabricação poderia ter provocado a morte dos dois homens.

E foi justamente esse conjunto de detalhes, ciência, misticismo, tecnologia e silêncio, que transformou um simples caso policial em um dos maiores enigmas já registrados na história do Brasil.

Se quiser saber mais sobre este caso, existem diversos materiais disponíveis, como documentos, vídeos e livros que se aprofundam ainda mais no assunto.

Até o próximo Causos do Mato!



GOSTOU? QUER ENVIAR O SEU "CAUSO"?

ENTRE EM CONTATO PELO LINK NO  
QR CODE OU PELOS CANAIS ABAIXO

GUERREIROSOUTDOOR.COM.BR 

@GUERREIROSOUTDOOR 

@GUERREIROSOUTDOOR 



# JAVALIS

OUTDOOR

*Linha exclusiva de camisetas Guerreiros Bushcraft, modelos para se usar nas ruas e no mato, feitas exclusivamente para quem realmente curte estar no mato.*

Adiquira já a sua na loja  
[www.javalisoutdoor.com.br](http://www.javalisoutdoor.com.br)





### comprometida com **O Bushcraft.**

A empresa **EDITORA 01 GRÁFICA E EDITORA** atua há mais de **23 anos** com um parque gráfico moderno e completo, operado por profissionais qualificados e especializados, no segmento de embalagens cartonadas e impressos comerciais e promocionais.

#### Qualidade de impressão em seus materiais

Aqui na Editora 01 você conta com a melhor qualidade de impressão para seu cartão de visita, folder, adesivo, imãs de geladeira, entre vários outros produtos. Aproveite o melhor custo-benefício em materiais gráficos!

Localizada no bairro de Taguatinga norte Brasília, nossa gráfica atende a pequenas, médias e grandes empresas de todo o Brasil, que se beneficiam da eficiência no atendimento e da qualidade dos impressos e embalagens confeccionados dentro de nossas instalações. Trabalhamos com a impressão offset, que permite o atendimento em larga escala de demandas diversas, como pequenas e grandes tiragens em diferentes formatos de impressão.

**Terá ao seu dispor um time de Designers Profissionais especializados em design gráfico e altamente qualificados.**

A excelência no atendimento, a garantia da qualidade e a busca do melhor custo benefício para nossos clientes são os pilares construídos ao longo dos anos que formam a base do relacionamento entre a Editora 01 e sua clientela e que permitem a criação de parcerias duradouras de sucesso.



Contamos com uma ampla linha de Papéis Especiais além de profissionais altamente capacitados para atender as necessidades de sua empresa. Fazemos todo trabalho de criação e desenvolvimento de layouts.

O nosso compromisso é com a inovação, qualidade e sintonia com o cliente, zelando sempre pela satisfação total nos serviços por nós prestados.

É com esse objetivo que convidamos você a conhecer um pouco mais sobre nosso trabalho.

### IMPRESSÃO EM OFF-SET FORMATO 2 | FORMATO 4

- CARTÃO DE VISITA
- PASTAS
- ENVELOPES
- BLOCOS DE RECIBO
- CARDÁPIOS
- CARTAZES
- TIMBRADOS
- BLOCOS DE PEDIDO
- CONVITES
- BANNERS
- RECEITUÁRIOS
- PRODUÇÃO DE PET
- PANFLETOS
- ADESIVOS
- IMÃS DE GELADEIRA
- COPOS PERSONALIZADOS
- LIVROS
- REVISTAS
- EMBALAGENS
- E MUITO MAIS....

#### EMBALAGENS



**Linha completa de embalagens para sua Lanchonete e Restaurante**



**Livros | Revistas**



**Copos Personalizados**



**Tabloides**



**Produção de Patch**

[@editora1artcollor](https://www.facebook.com/editora1artcollor)

61. 98130.4689 | 61. 3575.0222

[www.artcollorgrafica.com.br](http://www.artcollorgrafica.com.br)

Endereço: Sigt Conjunto "B" Lote 13  
Loja 01 Brasília - DF - CEP:72.153-502



# EM VOLTA DA FOGUEIRA

## MEU CANTO NA MONTANHA: NOITE BARROCA PARTE I

Por Giuliano Toniolo



Escritor, professor e instrutor de sobrevivência e bushcraft, produz conteúdos para diversas plataformas, sendo um dos principais responsáveis pela divulgação do bushcraft no Brasil, desde 2008, através de seu canal no YouTube e escola mateira Mestre do Mato.

Em Volta da Fogueira traz contos que misturam vivências no mato, aventura e elementos do folclore brasileiro, recriando o clima das histórias contadas ao redor do fogo, onde realidade e imaginação se encontram.

O ano era 1986, e Henrique cursava a faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Ouro Preto. Por ser do interior de outro estado, vivia em uma república.

O ar gelado da noite ouro-pretana encheu os pulmões do rapaz, que sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo, apesar de estar bem agasalhado. Ele trancou a pesada porta de madeira do casarão em estilo colonial português onde funcionava sua moradia e subiu a movimentada Rua Direita em direção à Praça Tiradentes.

As noites de sexta-feira eram sempre agitadas, coalhadas de pessoas que se amontoavam dentro dos bares e restaurantes do centro histórico ou perambulavam pelas ruas estreitas e sinuosas da antiga capital mineira.

Entre jovens vestidos com ponchos de lã, casacos e toucas, ele subiu rapidamente a rua enquanto abotoava sua velha e desbotada jaqueta USTOP que, apesar de grossa, não o mantinha aquecido o bastante, mesmo com a camiseta de algodão e o suéter de lã acrílica que usava sob ela.

Vestia calças jeans tradicionais, também grossas, de um azul profundo, e calçava um velho par de tênis Bamba de cano alto, seu calçado predileto do dia a dia. Nas costas, Henrique carregava uma mochila de lona verde-oliva, que continha os poucos itens que levava consigo e que permanecia sempre montada em seu quarto na república.

Ele logo identificou o grupo de amigos sentados nos degraus da estátua de Tiradentes, conversando animadamente ao som da música Tempo Perdido, da banda Legião Urbana, que saía de um fusca azul estacionado ao lado dos jovens.

SIGA GIULIANO TONIOLO NAS REDES

MESTREDOMATO.COM.BR

GIULIANO TONIOLO

@GIULIANOTONIOLO

@GIULIANO.TONIOLO.9



Ao se aproximar, Henrique foi recebido com entusiasmo por alguns e com zoações por outros. Seu primo, Eduardo, foi o primeiro a perguntar:

— Você vai subir o pico hoje mesmo?

— Claro que vou. Por que não iria? — respondeu Henrique.

— Mas está frio demais hoje à noite! — exclamou seu amigo Pablo, apontando para o vapor que saía de suas bocas.

— Azar. Eu vou assim mesmo. Lilian está viajando e estou sem namorada neste fim de semana. Em breve as provas vão começar, e eu não vou ter tempo de ir ao Pico durante esse período.

Henrique então se virou, determinado:

— Tô indo nessa. Falou!

E saiu driblando os carros e transeuntes da movimentada praça quando ouviu seu primo gritar:

— Mas não vá se perder lá em cima!

Ele sorriu e pensou consigo: "Não tem rios ou ilhas por aqui, seu abestado."

E se afastou, descendo a ladeira oposta à de onde havia vindo, seguindo na direção do Alto da Cruz e depois para o Padre Faria, nos confins da cidade, de onde atravessaria a estrada e iniciaria a subida da montanha.



À medida que se afastava do centro, o movimento e a agitação diminuía bastante, dando lugar à noite calma e gelada, e que trazia um forte sereno que começava a cobrir tudo.

A umidade transformava a antiga paisagem colonial barroca, de morros, ladeiras, casarões e igrejas, em uma pintura noturna viva, com as luzes dos postes e das casas refletidas no calçamento liso e molhado dos paralelepípedos.

Apesar de já viver naquela cidade havia alguns anos, Henrique nunca deixava de se impressionar com sua beleza rústica e suas ladeiras infindáveis.

Sob uma noite de lua nova e céu estrelado, Henrique encontrava-se agora assentado no chão frio da plataforma da antiga e desativada estação de trem, parcialmente iluminada por poucos lampiões. A soturna estação ficava no fundo de um vale úmido, para onde o ar frio escoava, bem ao pé da montanha que o rapaz haveria de subir, separada dali apenas por uma velha rodovia secundária.



Usando uma antiga lanterna de luz amarelada, ele retirava alguns itens de dentro da mochila, cuidadosamente distribuídos para aproveitar ao máximo o espaço interno. Ajustou na cintura um velho cinto militar de lona verde-oliva, ao qual se fixava um cantil de alumínio em sua capa verde. No cinto havia também uma faca artesanal, guardada em uma bainha de couro feita à mão.

Em seguida, conferiu rapidamente o interior da mochila. Ali estavam um cobertor militar de lã verde-oliva e um pesado poncho emborrachado da mesma cor. Havia ainda uma camiseta, um par de meias extras e um saco de papel contendo alguns poucos alimentos, mas suficientes para o fim de semana.

Também carregava uma pequena panela de alumínio, com pouco mais de um litro de capacidade, à qual um arame rígido havia sido improvisado como alça. Dentro dela repousavam uma pequena caneca vermelha de metal esmaltado e uma velha colher de alumínio. E aquela era toda a sua cozinha de campo.

De um dos bolsos externos da mochila, ele retirou um gorro de lã verde-oliva e um canivete barato, que enfiou no bolso superior da jaqueta. Antes de fechar os bolsos e iniciar a subida, conferiu os itens de fazer fogo, guardados em uma lata retangular de alumínio, certo de que tudo estava em ordem.



Os sinos de uma igreja distante se fizeram ouvir, anunciando onze horas, enquanto ele atravessava a estrada logo acima da estação para, então, iniciar sua longa caminhada.

O Pico do Itacolomy, outrora considerado o "Farol dos Bandeirantes", é um marco histórico e geológico importante, tendo sido utilizado para marcar a região das minas de ouro que dariam origem à antiga Vila Rica. Mas, naquela noite escura, o único "farol" disponível para Henrique era o feixe amarelado de sua lanterna, que revelava o caminho rochoso se desenrolando à sua frente.

A umidade sobre o capim e nos pequenos arbustos era absorvida pelas barras e pernas de sua calça jeans, que logo estavam molhadas, intensificando a sensação de frio. Ele seguiu caminhando rápido, o que o manteve aquecido o bastante; mas ainda assim, suas costas começavam a transpirar à medida que se esforçava na subida.



Ele logo alcançou uma elevação onde se deparou com duas opções. Na primeira, poderia seguir pela direita e economizar tempo, escalando um íngreme paredão de pedras, nada seguro naquelas condições. A outra opção era seguir pela esquerda, contornando o rochedo por uma trilha bem menos vertical e, portanto, mais recomendável, embora muito mais longa e demorada.

Ele optou pela segunda alternativa.

Porém, antes de seguir, Henrique retirou a blusa de lã que usava sob a jaqueta jeans. Ele sentia que o suor havia se acumulado ali, e queria ter uma camada de roupa seca para usar mais tarde. Depois, tomou alguns goles generosos da água do cantil de alumínio, percebendo seu gosto metálico e gelado enquanto se saciava.

Henrique devolveu o cantil à sua capa e colocou a mochila de volta, vestindo agora apenas a camiseta sob a jaqueta jeans. Ele seguiu morro acima por algumas horas, caminhando ao longo de uma trilha rochosa que, às vezes, permitia ver as luzes da cidade ao longe, entre morros e colinas. Andou até alcançar um local bastante conhecido pelos frequentadores, apelidado de "Aguinha", onde um riacho corria sobre a face nua e lisa da rocha.

Ali se formaram pequenos poços, cavados pacientemente pela constância da água ao longo dos séculos. Alguns eram largos e fundos o bastante para mergulhos, como pequenas piscinas naturais de fluxo contínuo.

Naquele momento, porém, entrar naquelas águas era a última coisa que lhe passava pela cabeça. Exceto pelo interesse em garantir uma fonte de água limpa para beber, sua atenção se voltava para uma pequena formação rochosa próxima, que se projetava para fora do solo, criando um abrigo natural contra o vento e a chuva.

As chances de encontrar alguém ali, naquele frio todo de inverno, eram mínimas. A maioria dos frequentadores do local preferia os dias e noites mais quentes e agradáveis do verão.

Fim da primeira parte



# BUSHDAY

## BRASIL 2026

### COBERTURA DA TERCEIRA EDIÇÃO DO BUSHDAY BRASIL

Por Angelo dos Santos



Angelo dos Santos é advogado, praticante de atividades mateiras, um dos administradores do grupo Guerreiros Bushcraft e ativista nato em prol do fomento da cultura de grupos de Bushcraft pelo Brasil.

Coluna de Cobertura da 3ª Edição do Bushday, evento descentralizado promovido pelo Grupo Guerreiros, com programação centralizada em atividades outdoor pelo Brasil.

Entre os dias 10 e 12 de abril de 2026, aconteceu a 3ª edição do Bushday Brasil, um movimento nacional que vem, ano após ano, se consolidando como uma das principais iniciativas voltadas à conexão entre pessoas e a natureza em todo o país.

Idealizado e promovido pelo Grupo Guerreiros, o Bushday Brasil mantém sua essência descentralizada, permitindo que grupos, coletivos e praticantes individuais, em qualquer região do Brasil, organizem suas próprias atividades ao longo do mesmo final de semana. Dessa forma, o movimento constrói uma ampla e diversa programação nacional, reunindo desde acampamentos e vivências até oficinas, cursos, palestras e encontros informais em meio à natureza.

Mais do que um evento, o Bushday vem se firmando como um convite aberto à população, inclusive àqueles que estão fora do nicho do bushcraft, incentivando cada vez mais pessoas a saírem de casa, ainda que de forma simples, para vivenciar o ambiente natural. Seja em uma caminhada leve, um dia de lazer ao ar livre ou um acampamento estruturado. O movimento reforça a proposta de tornar o contato com a natureza um hábito acessível e coletivo.

A ideia que deu origem ao Bushday remonta ao ano de 2020, quando o tradicional ENGB – Encontro Nacional de Grupos de Bushcraft, também organizado pelo Grupo Guerreiros, precisou ser adaptado em razão das restrições impostas pela pandemia. Naquele momento, surgiu a proposta de realização simultânea de encontros descentralizados, onde cada grupo acamparia em sua própria região, mas conectado ao movimento nacional. Essa edição ficou conhecida como “Reconexão Mateira”, marcando profundamente os participantes e plantando a semente para o que viria a se tornar o Bushday Brasil.



Foto/Imagem - Acervo particular Daniel DeLucca

SIGA ANGELO DOS SANTOS NAS REDES

CAFÉ COM MATO



@CAFECOMMATO



@CAFECOMMATO





Foto/Imagem – Acervo particular Ney Fagundes

Desde então, o movimento vem evoluindo gradativamente, consolidando-se a cada edição e ampliando seu alcance para além do público tradicional, atraindo também um público urbano que busca novas formas de se reconectar com o ambiente natural. Nesse contexto, o Bushday Brasil passa a ser reconhecido não apenas como um evento, mas como o verdadeiro Dia Nacional do Mato, expressão que traduz de forma direta o espírito da iniciativa e reforça seu potencial de crescimento nos próximos anos.

### O BRASIL CELEBRANDO O DIA DO MATO

A edição de 2026 evidenciou um movimento importante dentro do Bushday Brasil: o crescimento da participação individual. Mais do que grupos organizados, foi possível observar um número cada vez maior de pessoas que, mesmo fora de coletivos ou estruturas formais, decidiram aproveitar o final de semana para sair de casa e se reconectar com a natureza.

Relatos espontâneos surgiram de diversas regiões do país, mostrando pessoas que dedicaram o período a atividades simples, como caminhadas, contemplação de paisagens naturais, práticas esportivas ao ar livre ou pequenos momentos de lazer em meio ao ambiente natural. Esse comportamento reforça uma das principais propostas do movimento, que é tornar o contato com a natureza algo acessível, possível e presente no cotidiano das pessoas, independentemente do nível técnico ou experiência prévia.

No ambiente digital, o crescimento também foi perceptível. Houve um aumento significativo no uso da hashtag #bushdaybr, além de uma maior adesão dos participantes em marcar o perfil oficial do movimento (@bushdaybr) como colaborador em suas publicações. Essa prática permitiu consolidar os registros diretamente no perfil do evento, ampliando o alcance e fortalecendo a identidade do Bushday Brasil como um movimento nacional em expansão.

### GUERREIROS BUSHCRAFT DO...MAR?

No Rio de Janeiro, o grupo Guerreiros Bushcraft (@guerreirosbushcraft) promoveu sua atividade principal em um novo cenário: o Camping Club do Brasil (@ccbcampingclubdobrasil), unidade Recreio, localizado na região da Praia da Macumba. A escolha do local marcou uma mudança significativa em relação aos anos anteriores, trazendo uma proposta diferenciada ao combinar elementos de mata e ambiente litorâneo, proporcionando aos participantes uma experiência híbrida entre o bushcraft tradicional e o camping estruturado.

O encontro reuniu cerca de 40 participantes ao longo dos três dias, além de visitantes que passaram pelo local para conhecer a proposta do evento e vivenciar, ainda que brevemente, o contato com a natureza. O clima colaborou de forma equilibrada, com dias quentes e agradáveis, ideais tanto para atividades na praia quanto para permanência nas áreas de mata do camping. Como já se tornou característica recorrente nos encontros do grupo, a chuva também marcou presença, com precipitação durante a noite de sexta-feira, contribuindo para refrescar o ambiente e compor a experiência vivida pelos participantes.

O novo formato possibilitou uma dinâmica distinta das edições anteriores. Acostumados a ambientes de mata mais isolados, muitos integrantes aproveitaram a estrutura do local, que conta com banheiros, energia e fácil acesso urbano, para testar novos equipamentos voltados ao camping estruturado. Houve ainda espaço para experiências diversas, como tentativas de pesca e adaptações de kits e configurações de acampamento, ampliando o repertório técnico dos participantes.

Um dos pontos mais relevantes desta edição foi a troca de experiências entre os praticantes do bushcraft e os frequentadores tradicionais do camping estruturado. Muitos dos campistas que vivem no local há anos nunca haviam tido contato direto com técnicas típicas do bushcraft, especialmente o uso de redes para pernoite em ambiente natural, uma das especialidades do grupo Guerreiros Bushcraft. Essa interação despertou curiosidade, troca de conhecimento e interesse mútuo, criando uma ponte prática entre diferentes formas de viver o ambiente outdoor.



Foto/Imagem - Acervo particular Ana Paula Queiroz

A recepção ao novo local foi amplamente positiva. Além da integração entre mar e mata, os participantes destacaram a versatilidade da experiência e o potencial do espaço para futuras atividades. Durante o evento, a administração do grupo Guerreiros Bushcraft (@guerreirosbushcraft) realizou uma reunião com a equipe do Camping Club do Brasil (@ccbcampingclubedobrasil), que demonstrou grande interesse na proposta do movimento. Como resultado, o grupo passou a ter reconhecimento ampliado dentro da rede, possibilitando que seus membros tenham acesso a benefícios e condições diferenciadas em unidades espalhadas por todo o país. A iniciativa fortalece não apenas o grupo, mas também o próprio movimento, ampliando as possibilidades de atuação e integração no cenário nacional.

O responsável pela unidade do Recreio, Fernando Cespe, agradeceu a presença dos participantes e destacou a importância de iniciativas como o Bushday para o fortalecimento da cultura do camping no Brasil. Ressaltou ainda que essa aproximação entre diferentes vertentes do universo outdoor contribui para o crescimento do setor como um todo, promovendo uma troca rica entre praticantes do camping estruturado e do bushcraft. Ao final, reforçou que o Camping Club do Brasil está de portas abertas para receber novos participantes, divulgar suas unidades e incentivar a realização de novos eventos.

Além da atividade central dos Guerreiros Bushcraft (@guerreirosbushcraft), outros grupos e participantes também marcaram presença no movimento. O 126º Grupo Escoteiro do Mar Phoenix (@126phoenixgemar) realizou atividades em seu núcleo, a equipe Tamo Junto na Trilha (@tamojunto\_natrilha) realizaram uma trilha marcando presença no movimento, enquanto o Cosendey Bushcraft (@cosendeybushcraft) participou tanto em família quanto em integração com o evento principal.



Foto/Imagem - Acervo particular Cristiano Cardoso

## NATUREZA DO BRASIL CONECTADA PELA HASHTAG

Participaram também o Ambiente Selvagem (@ambienteselvagem77), o Boca do Mato Bushcraft (@bocadomato2023), o canal 1% Mateiro (@umporcentomateiro), o JH Bushcraft (@jhbushcraft\_), além do Pico Alto Bushcraft, que contribuiu ativamente na divulgação do evento no estado de São Paulo.

Nomes relevantes do cenário, como Giuliano Toniolo (@giulianotoniolo), também aproveitaram o período para se reconectar com a natureza em sua base da Escola Mestre do Mato (@escolamestredomato), reforçando o caráter abrangente do Bushday. Registros de participação foram identificados em diversos estados, como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e regiões do Nordeste, demonstrando o alcance crescente do movimento em todo o território nacional.

O movimento segue em expansão e, mais do que números ou alcance, o que se observa é uma mudança gradual de comportamento. Cada vez mais pessoas têm entendido que não é necessário grande planejamento ou estrutura para viver a natureza. Basta disposição para sair de casa e permitir-se vivenciar o ambiente natural, ainda que de forma simples.

### SÓ FALTA VOCÊ, QUAL A DESCULPA?

O Bushday Brasil se consolida, assim, como um convite direto à ação. Um chamado para que mais pessoas ocupem trilhas, praias, matas, rios e montanhas, resgatando uma conexão que, muitas vezes, é deixada de lado na rotina urbana. Não se trata apenas de bushcraft, técnicas ou equipamentos, mas de presença, vivência e reconexão.

Ao se firmar como o Dia Nacional do Mato, o movimento amplia seu alcance e sua responsabilidade. A proposta é clara: transformar um final de semana comum em uma experiência coletiva de contato com a natureza em todo o território nacional.

A cada edição, o que se espera não é apenas crescimento em números, mas em atitude. Que mais pessoas saiam de casa, levem suas famílias, convidem amigos e descubram, por conta própria, o valor de estar ao ar livre.

E fica a provocação para os próximos anos: Se existe um dia inteiro dedicado ao mato... qual é a desculpa para não estar nele?

Foto/Imagem: Acervo particular Ney Fagundes



# MUNDOS

PARA CADA AVENTURA, MUNDOS **DIFERENTES**

## A FACA BOWIE - SUA HISTÓRIA E POPULARIDADE NO BRASIL

Por Kelsen Coelho



Kelsen Pio Belo Coelho é mergulhador, estudioso sobre navegação, orientação e sobrevivencialismo, membro do Bushcraft Brasília e é um dos organizadores da Liga Cerradense de Bushcraft, responsável pelo blog *Bússola e Navegação*.

Mundos traz convidados para falarem um pouco de suas habilidades e experiências em suas atividades outdoor.

Meu amigo Giuliano Toniolo trouxe com muita seriedade um ótimo artigo na última edição sobre a "Faca Puukko", uma das facas mais clássicas para a prática do bushcraft, então resolvi falar um pouco sobre outra faca clássica – que aliás é a minha preferida – para essa atividade, a "Faca Bowie".

A Bowie foi a primeira faca que eu admirei quando era menino nas pescarias em que participei com o meu pai, via alguns de seus amigos usando aquela faca com um jeito bruto e intimidador para preparar comida, limpar peixes, cortar galhos e redes, enfim, usavam aquela faca para tudo.

Datada de mais ou menos 1827, é considerada pelo historiador Harold L. Peterson (1958) - *História das Armas Americanas* – como uma das três armas que se destacam acima de todas as outras e se tornou uma verdadeira lenda ao lado do rifle Kentucky e do revólver Colt.

A Bowie surgiu com uma proposta curiosa, uma faca feita para: Cortar galhos, preparar lenha, abrir caminhos em vegetação densa, preparar alimentos, construir abrigos improvisados, cortar cordas, cabos e outros materiais, esfolar animais, corte de carne e preparação de alimentos, além de combate corpo a corpo, fato esse que a colocou na história, graças à lenda associada a Jim Bowie.

Com o surgimento da faca Bowie, veio uma pergunta: Se é possível usar uma "Puukko" ou a "Morakniv" para praticar "Wood Carving" (esculpir utensílios em madeira, como colheres, copos, pratos, etc), ou usar uma "Century" ou uma "Babish" para preparar alimentos, para que eu vou usar uma faca grande e pesada como a Bowie? Bom, lâminas específicas são eficazes em suas propostas, mas tem suas limitações para outros usos, já a faca Bowie abrange um conjunto muito maior de opções, mas não tem o mesmo grau de refinamento das outras. Dessa forma, a escolha da faca vai depender do que você realmente planeja fazer.



SIGA KELSEM COELHO NAS REDES

[BUSSOLAENAVEGACAO.BLOGSPOT.COM](http://BUSSOLAENAVEGACAO.BLOGSPOT.COM)

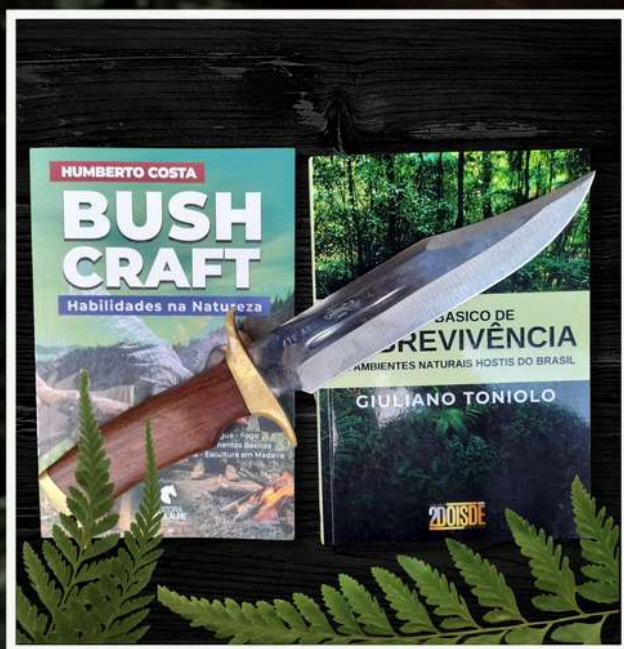
BÚSSOLA E NAVEGAÇÃO

@BUSSOLAENAVEGACAO



Diferente de outras lâminas, a Bowie mantém um conjunto básico de características - mesmo com diversas variações atualmente - que a define:

1. *Lâmina longa e larga, geralmente entre 25 e 40 centímetros, permitindo cortes profundos e precisos, embora atualmente essas medidas mudaram para menos ou mais;*
2. *Ponta inclinada ou "clip point", que facilita perfurações e movimentos de corte em diversas direções, geralmente essa ponta é um falso fio, mas alguns fabricantes e usuários optam por fazer uma afiação nesse local;*
3. *Tem uma empunhadura robusta, projetada para proporcionar firmeza e conforto, essencial em tarefas prolongadas;*
4. *Tem uma guarda de mão, que protege o usuário de escorregões e acidentes durante o uso, protege de golpes na mão no caso de combate, tradicionalmente sua guarda é completa, mas existem modelos com a chamada "meia guarda" - o célebre modelo usado no filme "Crocodilo Dundee" é o melhor exemplo;*
5. *Geralmente o desbaste do fio é do tipo "Flat", o que exige atenção na hora da afiação.*



Foto/Imagem: Acervo particular Kelsen Coelho

Todas essas características resultam numa faca maior e mais pesada que a média, pode ser incômoda para alguns, mas vai permitir um amplo uso no meio do mato e proporcionar confiança e robustez em qualquer situação, mas reforço aqui minha experiência com a "Bowie", terá que haver uma adaptação por parte do usuário, principalmente para quem é habituado a usar lâminas menores ou mais leves, acredito que a faca que mais se adapta a alguém é aquela que se torna instintivamente uma "extensão" natural do seu braço.

## PORQUE A "BOWIE" É TÃO POPULAR NO BRASIL?

O Brasil tem diversas lâminas nativas, seja a famosa "Pexeira" do Nordeste, a "Integral" do Sul, o próprio "facão" é um exemplo, então fica a pergunta: Por que a Bowie é tão conhecida por aqui? Bom, existem alguns fatores históricos que contribuíram para isso:

- *Sendo um ícone da história americana, ela foi fortemente retratada em filmes e séries de TV;*
- *A 1ª exibição de um filme no Brasil ocorreu em 1896, no Rio de Janeiro e um dos gêneros de maior sucesso eram os filmes do velho oeste;*
- *A 1ª transmissão de TV no Brasil foi em 18 de setembro de 1950, e a exibição de filmes de faroeste era garantia de audiência, sendo que até a década de 1950/1960 foi o gênero mais popular no país;*
- *A Tramontina iniciou suas atividades em 1911, e trouxe uma grande variedade de modelos Bowie no seu catálogo, o que acabou incentivando outros fabricantes - como a brasileira Mundial e a alemã Puma - a colocarem no mercado seus próprios modelos.*

Acredito que esse conjunto de fatores colocou a Bowie na cultura aventureira do Brasil e criou uma legião de fãs. Até o fim dos anos 1990, modelos de Bowie da Tramontina, Mundial e Puma eram bem comuns e muito vendidos por aqui.



Foto/Imagem: Filme Crocodilo Dundee - Reprodução

Na minha opinião, não existe uma faca específica de "Bushcraft", existe aquela faca que te traz confiança e atende suas necessidades, para mim essa é a Bowie, mas reforço, essa é uma escolha pessoal, cabe a você testar e escolher a sua. Um grande abraço! CERRADO!

# POR DENTRO DO EDC

## O ALTO VALOR AGREGADO: LÂMINAS, MULTI-TOOLS E LANTERNAS

Por Luiz Ericson



Amante da cutelaria desde a infância, entrou no mundo do EDC em 2010, quando atuava como topógrafo e precisava sempre de uma lâmina e uma lanterna. Com o tempo, conheceu as comunidades nas redes sociais e foi ajustando seu EDC ao contexto urbano em que vive.

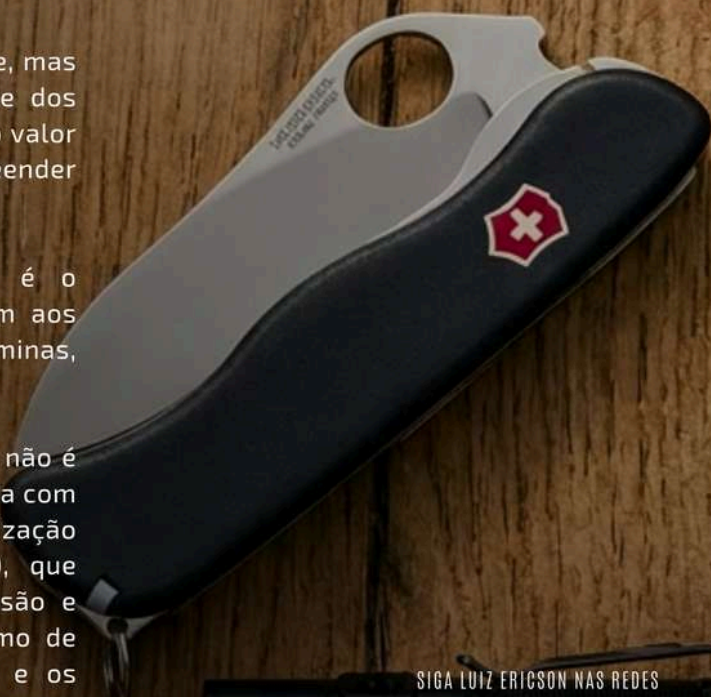
Por Dentro do EDC contará com convidados amantes da filosofia EDC para estarem falando um pouco sobre suas principais configurações.

O conceito de *Everyday Carry* (EDC), ou "porte diário", refere-se ao conjunto de itens úteis e práticos que uma pessoa carrega consigo todos os dias. A filosofia por trás do EDC é estar sempre preparado para as mais diversas situações do cotidiano, seja uma emergência, um pequeno conserto ou uma necessidade de iluminação. Os itens mais comuns do EDC frequentemente incluem canivetes, *multi-tools* (multi ferramentas), lanternas, carteiras, chaves e telefones celulares.

O EDC se popularizou globalmente não só pela praticidade, mas também pelo aspecto de colecionismo e pela qualidade dos equipamentos disponíveis. No entanto, é crucial analisar o valor agregado desses itens e, principalmente, no Brasil, compreender as nuances legais sobre o porte de lâminas.

Um dos aspectos mais notáveis do universo EDC é o investimento financeiro que muitos entusiastas dedicam aos seus equipamentos, especialmente nas categorias de lâminas, multiferramentas e lanternas.

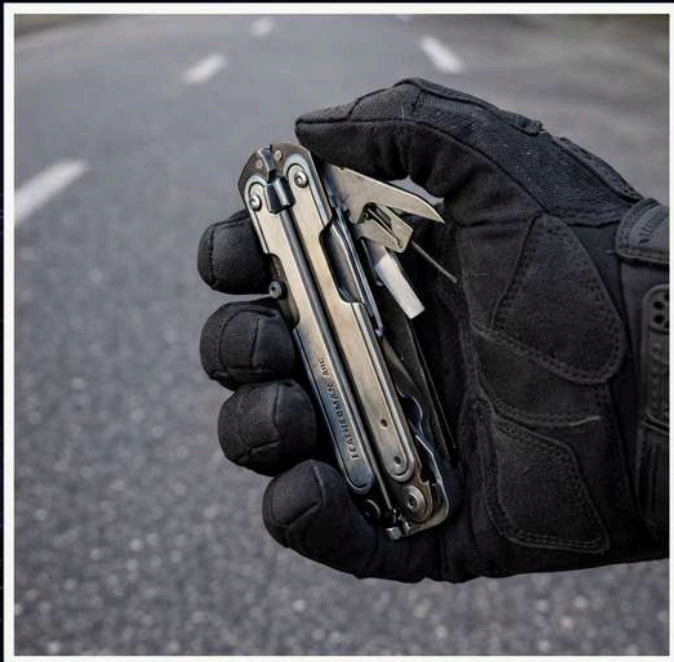
**Canivetes e Lâminas:** Um canivete EDC de alta qualidade não é apenas um instrumento de corte; é uma peça de engenharia com materiais de ponta. Os valores altos se justificam pela utilização de aços premium (como S30V, M390, ou CPM-20CV), que oferecem retenção de fio superior, resistência à corrosão e facilidade de afiação. Além disso, o design, o mecanismo de abertura/travamento (como *frame lock* ou *axis lock*), e os materiais do cabo (titânio, fibra de carbono ou micarta) elevam o preço. Marcas renomadas de cutelaria (nacionais e internacionais) com alto padrão de acabamento e produção artesanal podem atingir centenas ou até milhares de reais, sendo considerados itens de colecionador.



SIGA LUIZ ERICSON NAS REDES

@ERICSON\_EDC





**Multi-Tools:** As multiferramentas, como as da popular marca Leatherman ou Victorinox (Canivetes Suíços), condensam diversas funcionalidades, como alicates, chaves de fenda, serras, abridores, em um formato compacto. O alto custo está ligado à precisão do encaixe das ferramentas, à qualidade do aço (que deve ser resistente para o uso em alicates e chaves), à ergonomia do design, e à garantia que muitas marcas oferecem, refletindo a durabilidade para um uso intenso e variado.

**Lanternas:** As lanternas EDC modernas são um salto tecnológico em relação às convencionais. As mais procuradas apresentam preços elevados devido à sua potência (medida em lúmens), que pode variar de 50 a mais de 2.000 lúmens em modelos de bolso. O valor se deve à tecnologia dos LEDs (como os da Cree), à qualidade dos circuitos eletrônicos que garantem brilho constante e a ausência de cintilação, à resistência à água e impactos (padrões IPX e drop test), e aos materiais do corpo (alumínio aeronáutico ou titânio). Ter uma lanterna confiável e potente é fundamental para a segurança e a resolução de problemas em ambientes escuros.

Em resumo, o alto valor desses itens EDC reflete a busca por confiabilidade, durabilidade, tecnologia e design, transformando simples ferramentas em equipamentos essenciais de alto desempenho.



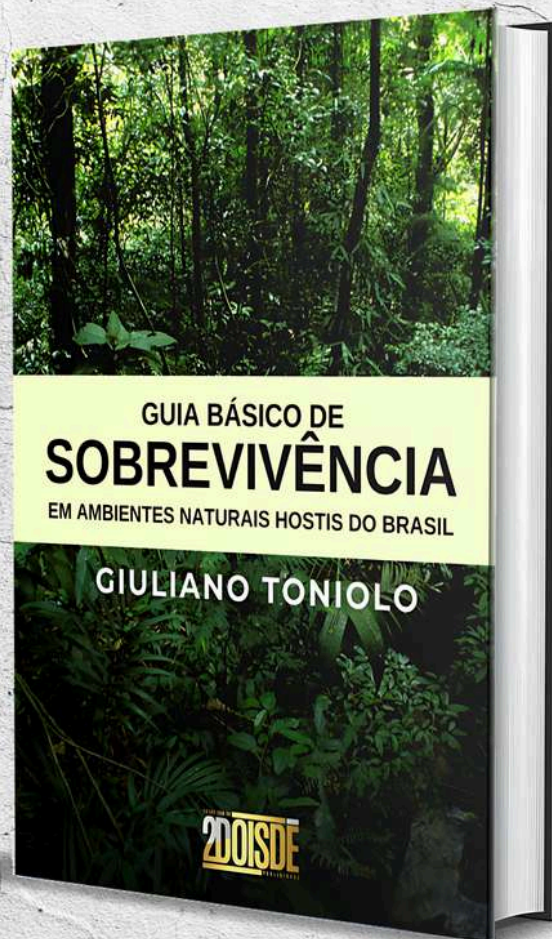
**JAVALIS**  
OUTDOOR

**PRIMEIRO GUIA  
BÁSICO DE  
SOBREVIVÊNCIA**

**100%  
Brasileiro**

Escrito por um  
dos ícones da  
sobrevivência e  
do bushcraft  
do Brasil

ADQUIRA  
JÁ O SEU





# JAVALIS

OUTDOOR

GUERREIROS

B  
U  
S  
H  
C  
R  
A  
F

*O primeiro passo para uma boa aventura é permitir se aventurar! O segundo passo é a ação, que conecta a intenção à realização. Toda intenção sem um plano de ação não passa de um mero sonho, então pare de sonhar e vá viver!*

FOTOGRAFIA: FELIPE GOLTARA  
[@FELIPEGOLTARAFOTOGRAFIA](#)

FOTO/MODELO: JOCIMAR BRUNO  
[@JOCIMARBRUNO](#)

SIGA A LOJA JAVALIS OUTDOOR NAS REDES

JAVALIS OUTDOOR

[@JAVALISOUTDOOR](#)

[@JAVALISOUTDOOR](#)

